

A PRODUÇÃO DE ROUPAS DESDE A ERA PRIMITIVA ATÉ A CONTEMPORANEIDADE: UMA VISÃO HISTÓRICA DA EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DA MODA E DE VESTUÁRIO NO BRASIL

The clothing production from primitive to contemporary times: a historical view of the apparel industry development in Brazil.

Gonçalves, Camila de Oliveira; Mestre; Universidade Santa Cecília
camilaog@uol.com.br

Resumo

Apresenta-se por meio de estudo exploratório uma abordagem ao universo das indústrias de moda e de vestuário. Neste contexto, apresenta-se a moda como capaz de traçar uma linha do tempo, demarcando com propriedade o comportamento da sociedade ante aos acontecimentos de uma determinada época, especialmente no que concerne à manufatura das roupas. A pesquisa traz uma abordagem que parte de uma visão geral para uma visão particular, analisando a evolução da confecção industrial e os novos rumos do setor.

Palavras chave: Indústria, Confecção, Evolução

Abstract

An approach to the universe of the apparel industry is presented by means of an exploratory study, where the fashion is able to draw a timeline explaining the behavior of the society and the advances of clothes manufacturing since oldest times until present day. The research also brings an approach starting from an overall to a particular view of the industrial production evolution and its new directions.

Keywords: Industry, Clothing manufacture, Evolution.

Introdução

A indumentária é o conjunto de roupas usadas pelos diversos povos nos diferentes momentos da história da humanidade, tem sua origem nos tempos primitivos (SABINO, 2007, p.340). Há várias teorias divergentes acerca dos motivos que levaram os homens a cobrir o corpo, no entanto, todas elas apontam para três possibilidades: a proteção, o pudor e o enfeite (EMBACHER, 1999, p.28).

Ao longo de sua trajetória, o tecido construiu um diálogo permanente com o corpo, com os costumes, com a sociedade, com os avanços tecnológicos e culturais, resultando em um produto com características espaciais, mobilidade, tridimensionalidade, movimento, textura, direção, etc., que também comunica ideologias, pudores, hierarquias, servindo de proteção, formas de visibilidade e sedução: a roupa (CHATAIGNIER, 2006, p.12).

Matérias-primas naturais como folhas e troncos eram utilizadas para proteger o homem primitivo contra adversidades climáticas, no entanto, a matéria-prima mais utilizada para esta finalidade era a pele de outros animais. Havia uma crença mística de que, ao usar a pele do animal caçado, adquiria-se a força do mesmo. Com o passar do tempo, aquele que caçasse o maior e mais difícil animal obtinha o *status* de grande guerreiro e era bem visto em seu meio social.

Aos poucos, aquela couraça que envolvia o homem primitivo passou a não mais satisfazer as suas necessidades, pois, esta ressecava e deteriorava facilmente e em pouco tempo. Além disso, o cheiro deste artigo em putrefação atraía predadores, que muitas vezes obtinham êxito, devido ao fato desta couraça limitar os movimentos do usuário numa possível fuga. O couro, então, passou a ser mastigado pelas mulheres e batido nas pedras até que se conseguisse uma maleabilidade e durabilidade adequada à sua utilização. A essa técnica, dá-se o nome de curtimento.

Mais tarde, o homem primitivo descobriu maneiras mais sofisticadas de satisfazer suas necessidades; baseando-se no conhecimento obtido com a técnica da cestaria, criou a técnica da tecelagem que, obedecendo ao mesmo princípio de entrelaçamento, substituiu os gravetos por fibras naturais como lã e linho, dando origem ao tecido.

Apesar do legado incontestável da sociedade primitiva, esta é organizada para conter e negar a dinâmica da mudança e da história. O fato de não terem Estado nem divisão de classes sociais os faz depender estritamente do passado mítico. Neste sentido, Os trajes e ornamentações não excluem efeitos estéticos, mas nada que se assemelhe ao sistema de moda – quando o gosto pelas novidades se torna um princípio constante e regular - pois estão fixados pela tradição. Essa realidade, durante muito tempo, não se alterou mesmo com o aparecimento do Estado e a divisão de classes (LIPOVETSKY, 1989, p.28/29).

No período que compreende a idade média clássica (do século XI ao XIII), a moda já revela seus traços sociais e estéticos mais característicos, mas para grupos muito restritos que monopolizam o poder de iniciativa e de criação. Trata-se do estágio artesanal e aristocrático da moda onde está inserida a alfaiataria, considerada uma arte ornamental, sujeita à criatividade do artesão, é um ofício sério e de grande prestígio social, comparado à arquitetura (SILVA, 2005, p.7).

O alfaiate é quem decidia como realizar o trabalho, determinando o tempo necessário e a resolução de todos os problemas que apareciam durante a execução do mesmo. Portanto, o resultado final era de sua inteira responsabilidade, pois o trabalho artesanal se caracteriza como trabalho individual, único, pertencente à própria pessoa que a executa (ASSIS, 1998, p.153). As roupas de ambos os sexos eram costuradas apenas por homens, às mulheres, só eram permitidas costuras em roupas de baixo, roupas domésticas, infantis e trabalhos manuais que não exigiam técnica.

A destreza exigida dos alfaiates, escondida sob a simplicidade dos instrumentos utilizados por ele – tesouras, régua, agulhas, entre outros – requeriam longos períodos de aprendizagem. Entre os conhecimentos necessários, estavam: geometria, aritmética e proporções do corpo humano (FONTES, 2007). Os grandes avanços técnicos da profissão vieram com a publicação do primeiro livro sobre o tema chamado “*Livro de Geometria y Traça*” de Juan de Alcega, em Madri, no ano de 1589.

As mulheres somente conseguiram permissão para atuarem como modistas que confeccionariam roupas destinadas exclusivamente às mulheres, no ano de 1675, na

França, após formarem um grupo e falarem com o Rei Luís XIV. O argumento principal era que as clientes ficavam constrangidas ao provarem suas roupas em frente aos alfaiates do sexo masculino. Mesmo com a autorização do Rei, o trabalho feminino não era bem aceito, já que acreditava-se que as mulheres dificilmente criavam estilo ou corte com técnica. Restou à elas, então, somente alterações em acabamentos e ornamentos, enquanto a alfaiataria masculina possuía prestígio entre os ofícios artesanais e prosseguia construindo a roupa masculina de forma criativa, com técnica para o desenho, corte e confecção.

A atividade produtiva dos alfaiates, bem como a dos artesãos, consistia em comercializar o produto final do seu trabalho manual, do qual, anteriormente, eram proprietários da matéria-prima e das ferramentas. Esses trabalhos eram realizados em oficinas construídas nas casas dos próprios alfaiates, que realizavam os trabalhos sozinhos ou tinham junto a si ajudantes não assalariados que realizava o mesmo trabalho pagando uma “taxa” pela utilização das ferramentas. Nesse período a produção artesanal estava sob controle das corporações de ofício, assim como o comércio também encontrava-se sob controle de associações, limitando o desenvolvimento da produção. Somente os alfaiates e costureiras participantes tinham acesso às matérias-primas, que não poderiam ser estocadas em sua forma bruta ou em forma de roupa pré-fabricada, aqueles que não participavam das corporações só conseguiram a permissão para adquirir tecidos, alguns anos depois, em 1817.

Em meados do século XVIII, ocorreram várias mudanças na economia e na sociedade em virtude da Revolução Industrial: manifestação popular ocorrida a partir da mecanização dos teares. No entanto, dois acontecimentos foram especialmente importantes para a formação das indústrias de confecção:

- ◆ *A Padronização das Medidas*: deve-se ao alfaiate francês H. Guglielmo Compaign que, ao lançar o livro *A Arte da Alfaiataria* no ano de 1830, revolucionou as técnicas de corte em toda a Europa.
- ◆ *A criação da Máquina de Costura*: Weisenthal, Thomas Saint, John Duncan, Balthasar Krems, Stone e Henderson desenvolveram máquinas que imitavam o trabalho manual, no entanto, eram consideradas ineficientes. Joseph Madersperger desenvolveu a primeira máquina usável, pois permitia entrelaçar duas linhas de costura. Mas foi o francês Barthelemy Thimonier quem criou a primeira máquina de costura que realmente funcionou (ASSIS, 1998, p.153). Cerca de oitenta máquinas foram produzidas e vendidas a uma fábrica de uniformes militares, dando ao seu criador o mérito de primeiro fabricante de máquinas de costura. O equipamento causou a fúria dos outros alfaiates que a destruíram por considerá-la uma ameaça ao seu meio de vida (FREITAS, 1948, p.380). Em 1846, o americano Elias Howe Jr. construiu e patenteou a primeira máquina de costura que, alguns anos depois, foi aperfeiçoada por outro norte-americano (**Erro! Fonte de referência não encontrada.** chamado Isaac Merritt Singer (SABINO, 2007, p.452). Em 1921, surgiu a primeira máquina de costura elétrica, o que acarretou no aumento da produtividade. É possível perceber que até o final do século XIX estava desenvolvida toda a tecnologia mecânica básica de todas as máquinas que conhecemos hoje (CARVALHO, 1999).

A partir do surgimento destas novidades, começaram a surgir as indústrias de confecção, no entanto, as roupas feitas em linhas de montagem não eram de boa qualidade, o que não interferiu, a priori no trabalho dos alfaiates. Com o passar do tempo, a máquina de costura foi absorvida até mesmo pelas alfaiatarias, contudo, de maneira muito tímida, pois a tradição continuava a exigir o trabalho manual.

Nas indústrias de confecções, os trabalhadores não eram mais os “donos” do processo. Eles passaram a trabalhar para um patrão como operários ou empregados. A matéria-prima e o produto final não lhes pertenciam mais. Esses trabalhadores passaram a controlar máquinas que pertenciam ao empresário, dono dos mecanismos de produção e para o qual se destinava o lucro. A produção em larga escala e dividida em etapas iria distanciar cada vez mais o trabalhador do produto final, já que cada grupo de trabalhadores passava a dominar apenas uma etapa da produção, mas sua produtividade ficava maior (WIKIPÉDIA).

Nas indústrias, à medida que o trabalho evoluía, o proprietário do local percebeu que os produtos poderiam ser fabricados mais rapidamente e dividiu as operações em elementos menores e as distribuiu entre os trabalhadores (ASSIS, 1998). É o surgimento da divisão do trabalho no modelo artesanal.

No final do século XIX, a moda moderna caracterizou-se pelo fato de que se articulou em torno de duas novas e antagônicas indústrias, com objetivos e métodos distintos: a Alta Costura, com sua vontade de criar, e a Confecção Industrial, com a sua necessidade de produzir.

Da Alta Costura ao prêt-à-porter

A origem da alta-costura é Paris e seu principal ícone é Charles Frédéric Worth, um inglês cujas roupas agradaram a imperatriz Eugênia, mulher de Napoleão III que o indicou ao cargo de “estilista¹ imperial”. Ele foi quem definiu que deveria haver duas temporadas ao ano, acompanhando as estações e, portanto, as mudanças climáticas. Além disso, ao ter mudado a imagem do vestuário e proposto novidades a cada estação, o estilista fez nascer também o desejo da compra – força motriz da moda como um todo. Nascia então o conceito de alta-costura (*haute couture*), e o estilista tinha agora, um status de criador supremo, diferente das modistas e alfaiates (PALOMINO, 2002, p.22).

É muito comum o estilista usar seu próprio nome ao estabelecer uma marca de moda. Seu ateliê passa a chamar-se *Maison*, ou seja, casa em francês. Seu trabalho é dedicar-se à arte da criação de peças da indumentária. A moda criada pelo estilista é considerada Alta Costura, pois lança tendências que serão seguidas pela indústria. A imagem da sociedade à qual serve, considera apenas as elites e é feita apenas para salões, nunca para as ruas.

A execução de um modelo de alta costura é fruto de um longo trabalho artesanal que exige que o avesso seja tão belo e perfeito quanto o lado direito da roupa (SABINO, 2007, p.37). O trabalho, geralmente, começa a partir de criação de modelos sob medida para o cliente que pode ser traçado (modelagem plana) ou feito diretamente sobre um busto (*moulage*), ou seja, réplica do corpo feita em madeira e recoberta com estopa e

¹ Estilista: o termo deriva de estilo e é usado para aqueles que se dedicam à criação da indumentária a partir de uma matéria-prima qualquer

tecido, utilizando uma tela (*toiles*) de linho² fino ou musselina³ até atingir o caimento esperado podendo, assim, ser passado para o tecido final. Após esta primeira etapa, outras inúmeras se sucederão com a participação de outros profissionais de costura, bordado, acabamentos e acessórios de moda (chapéus, cintos, calçados, entre outros).

As atividades da Alta Costura foram definidas na França e, ainda hoje, são regulamentadas pelo *Chambre Syndicale de Haute Couture*⁴ que determina que, para ser considerada Alta Costura, as *maisons* devem empregar no mínimo 15 pessoas, devendo mostrar anualmente à imprensa duas coleções: primavera / verão e outono / inverno, com, ao menos, 35 modelos cada uma. Essa exposição, exigiu a profissionalização das *maisons*, que tornaram-se empresas de criação, pautadas no espetáculo publicitário e que, na metade dos anos 20, alcançaram um papel capital na economia francesa, especialmente pela exportação de roupas, ocupando o segundo lugar no comércio exterior (LIPOVETSKY, 1989, p.74).

No Brasil, a Casa Canadá de Jacob Peliks, coordenada por Mena Fiala introduziu o comércio da alta costura francesa no país, porém, durante a segunda guerra mundial as importações ficaram mais difíceis, então houve a necessidade de criar modelos originais seguindo as linhas da alta-costura, mas que pudessem ser confeccionados no próprio país.

A forma que as pessoas se vestem é regida pela Alta-Costura até a década de 60, quando esta começa a sofrer seu gradual declínio devido à queda no poder aquisitivo de seu público. A facilidade na aquisição de máquinas de costura domésticas e a efervescência das revistas femininas no mercado permitem que donas de casa e as modistas (costureiras de bairro) copiem, não com tanta precisão, modelos que aparecem em suas páginas. No entanto, o que realmente culminou na derrocada da Alta Costura foi a explosão do *prêt-à-porter* - expressão francesa originada do termo inglês *Ready-to-wear*, que significa pronto pra vestir, segmento no qual a produção de roupas é feita em escala industrial, podendo oferecer produtos em diversas faixas de preços.

Na década de 70, todos os estilistas incorporaram à suas coleções uma linha de deste segmento, atendendo o mesmo público, porém em circunstâncias diferentes. Neste ínterim, surgiram butikues especializadas em *prêt-à-porter*, trazendo peças diferenciadas inspiradas nas criações de alta-costura e com preços muito acessíveis, além de grande poder de distribuição, punccionando o mercado a melhorar as ofertas e diversificar cada vez mais (BAUDOT, 2000, p.17-18). É então que se dá o aparecimento do grupo de jovens criadores, que vendiam seus talentos aos industriais, atuando como meros executantes do processo de confecção.

Por diversas vezes foi cogitado o fim da Alta Costura por não ser um segmento muito rentável e por possuir um alto custo de produção e manutenção. Neste período, muitas *maisons* foram fechadas e essa situação só começou a mudar na década de 90, com uma reestruturação de estilo e marketing, criando assim as “marcas-conceitos⁵”, que impulsionavam as vendas de artigos de *prêt-a-porter*, perfumes, jóias e outros artigos que foram incorporados ao *mix* de produtos das *maisons*.

² Linho: Tecido feito a partir da fibra extraída da planta de mesmo nome (CALLAN, 2007, p.200).

³ Musselina: Tecido leve e liso, geralmente de algodão, seda, lã, ligeiramente firme (*idem*, p.228)

⁴ *Chambre Syndicale de Haute Couture*: Câmara Sindical da Costura Parisiense

⁵ Marcas-conceito: São referenciais de estilo no mercado de moda e de luxo, como Gucci, Louis Vuitton, Prada, Valentino, Chanel, entre outras.

Confecção Industrial

A partir da invenção da máquina de costura no final do século XIX, foram realizadas as primeiras produções em massa (JONES, 2005, p.56). A princípio, eram confeccionados uniformes para os militares e para trabalhadores de áreas diversas, entre eles, os mineradores. Nesse período, surgiu uma das peças mais usadas até hoje: a calça *jeans* criada por Levi Strauss em 1872.

Algum tempo depois, as roupas femininas e masculinas também começaram a ser produzidas em série, sobretudo os elementos amplos do vestuário: lingerie, xales, mantilhas, mantôs e casacos curtos (LIPOVETSKY, 1989, p. 101). A alta costura, no entanto, não considerava a produção em massa como uma ameaça, pois esta não dispunha de tecidos nobres, dos adornos luxuosos e as técnicas empregadas não proporcionavam um bom caimento das peças que, tampouco, tinham um bom acabamento.

O processo produtivo, a princípio, consistia no corte do tecido que, posteriormente, era enviado à casa ou às oficinas das costureiras para que estas montassem as peças. Todavia, com o intuito de reduzir o tempo e os custos de entrega e coleta, bem como garantir a qualidade da produção realizada, recrutou-se as costureiras interessadas em trabalhar fora de casa para que se reunissem nas fábricas.

Surgia a indústria do vestuário caracterizada, de um modo geral, por processos relativamente pouco automatizados e bastante dependentes da mão-de-obra. Estes mesmos processos, ao longo do tempo, passaram a ser cada vez mais fragmentado e as tarefas tornaram-se cada vez mais segmentadas, instaurando-se a configuração caracterizada pela especialização intensiva dos ofícios, observada a seguir:

- ◆ *Operador de máquina de costura*: Dele não se exige conhecimento de modelagem ou de execução de toda a costura existente em um produto final (MENDES *et al*, 2006). As habilidades manuais cederam lugar à destreza na manipulação dos tecidos e das máquinas. Para montar uma peça completamente, os operadores de máquinas de costura trabalham em conjunto, cada um realizando diferentes etapas de costura.
- ◆ *Cortador*: responsável pelo encaixe: operação que resulta na colocação de todos os moldes a serem cortados sobre tecido ou papel originando um risco, cujo objetivo é reduzir ao máximo o consumo de tecidos, o enfiesto: consiste em dispor as folhas de tecido umas sobre as outras, e o corte das peças: realizados manualmente ou com auxílio de equipamentos específicos, como as máquinas de corte.

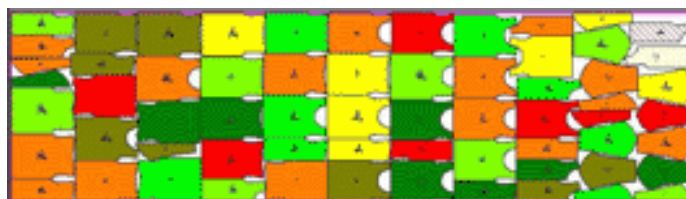


Ilustração 1: Operação de Encaixe
Fonte: GGTechnology

- ◆ *Modelista*: Desenvolve os moldes das roupas de acordo com cada criação, ampliando e reduzindo o tamanho seguindo uma tabela de medidas pré-estabelecida. Ainda hoje, as tabelas de medidas usadas na produção industrial não permitem uma confecção precisa e ajustada aos diferentes tipos de corpos (biótipos) existentes, ou seja, não há um padrão antropométrico estabelecido.
- ◆ *Encarregado de Produção*: Sua função é assegurar que as especificações estabelecidas nas fichas técnicas sejam obedecidas, bem como o cumprimento das quantidades de peças a produzir para cada produto e a manutenção da disciplina de todo o pessoal envolvido (ARAÚJO, 1996).

No início do século XX, homens e mulheres de várias classes sociais já tinham acesso a roupas de melhor qualidade devido aos novos materiais e métodos que foram empregados na produção industrializada de roupas, beneficiando os acabamentos. Os preços das peças de roupa também tenderam a diminuir com o surgimento dos magazines⁶. Mediante a esses acontecimentos, a moda feminina pôde variar bastante em formas, cores, tecidos, acabamentos, acessórios e outros itens que a compõe, ao contrário da moda masculina, que pouco se diferenciou até a década de 50.

O *prêt-à-porter* ganhou espaço junto aos consumidores na década de 60, já que não dispunham mais de tantos recursos financeiros, mas continuavam buscando inovações. Os industriais do setor, percebendo essa mudança, passaram a produzir modelos exclusivos desenhados pelos criadores de moda. Essa concessão de exclusividade associava o nome dos estilistas da alta-costura às organizações industriais. No Brasil, o *prêt-à-porter* só ganhou espaço nos anos 70, introduzido no Rio de Janeiro pelo estilista Dener Pamplona em parceria com a loja A Exposição (SABINO, 2007, p. 500).

Ainda na década de 70, procurando atender a crescente necessidade de aperfeiçoamento profissional, o SENAI de São Paulo implantou a primeira unidade voltada para a aprendizagem industrial na área de confecções no bairro paulistano do Bom Retiro (FERREIRA, s/d. p.89).

A segunda metade da década de 80 foi pontuada por vários eventos importantes para a indústria de artigos de vestuário. Neste período, introduziu-se na confecção brasileira o sistema *CAD (Computer-Aided Design)* que possibilita executar as modelagens diretamente no computador ou digitalizar moldes já existentes, ou seja, transformá-los em arquivos digitais. O sistema também auxilia o departamento do corte, pois é possível dinamizar o processo de encaixe, executando-o diretamente no computador.

Introduziu-se também o sistema *CAM (Computer-Aided Manufacturing)* que automatiza o processo de corte. Esse sistema importa os dados do sistema *CAD*, enviando-os para um cabeçote móvel com faca rotativa que corta automaticamente todas as partes das roupas dispostas previamente no encaixe. A superfície da mesa onde o enfiesto é alocado possui zonas de vácuo que, uma vez coberto por filme plástico, o material enfiestado é compactado, obtendo-se melhor qualidade nas peças cortadas, bem como maior rapidez no processo de corte.

⁶ Magazines: estabelecimentos comerciais que expõe e vendem grande variedade de mercadorias



Ilustração 2: Sistema CAD / CAM
Fonte: GG Technology

No ano de 1988, o conceito de Resposta Rápida (*Quick Response*) que representa uma mudança completa na mentalidade da empresa, definido por Ferreira (s/d, p.134) como "ter os produtos certos, a preço certo, no tempo certo e nos lugares certos" foi apresentado à indústria brasileira de artigos de vestuário no "Primeiro Seminário Internacional da Indústria de Confecção" que aconteceu em São Paulo. Também foi lançado nessa época o primeiro curso superior da área que enfocava o estilismo em confecção Industrial, oferecido pelo Centro Brasileiro de Formação Profissional para a Moda da Universidade Anhembi-Morumbi. Algum tempo depois, outras universidades lançaram cursos na mesma área (FERREIRA s/d, p.134).

Entre a segunda metade da década de 80 e meados dos anos 90, a indústria sofreu o impacto de dois planos econômicos, Cruzado e Collor, que levaram a atividade à oscilações de crescimento muito bruscas que acabaram encaminhando muitas organizações para a desverticalização produtiva, o que implicou na terceirização. É importante ressaltar que terceirizar não foi a única forma de reorganizar a produção, no entanto, foi o recurso utilizado pela grande maioria das empresas brasileiras na ocasião.

Desverticalização do Setor (*outsourcing*)

O ano de 1859 é provavelmente a data de origem do conceito de terceirização, de acordo com Bernstorff e Cunha (1999, p.2). Segundo os autores, a abertura dos portos japoneses para a entrada de novos maquinários (principalmente da área têxtil) forçou as grandes indústrias a buscarem reforços que viabilizariam a utilização das novas tecnologias. Outra possível origem é a segunda guerra mundial que culminou na desverticalização produtiva da indústria armamentista. No Brasil, a empresa IBM⁷ já transferia para outras empresas suas atividades de apoio na década de setenta.

Como visto anteriormente, a própria confecção industrial já se utilizou da terceirização no início de suas atividades no final do século XIX, porém, seu reconhecimento como setor industrial está ligado a estruturação vertical das organizações, o que as tornava responsáveis pela execução de todos os processos administrativos, produtivos e, na maioria dos casos, comerciais.

Até meados da década de 80, as empresas do setor de vestuário permaneceram estruturadas verticalmente. A partir desse período, ocorreram mudanças bruscas da economia brasileira que se agravaram na década de 90, quando o governo brasileiro liberou as importações. Com isso, o setor sofreu um grande colapso onde quem estava

⁷ IBM - *International Business Machines*: Empresa norte-americana atuante no setor de informática.

menos preparado para competir com fornecedores de produtos importados mais baratos e de qualidade superior, sobretudo os asiáticos, foi obrigado a abandonar suas atividades (IEMI, 2007, p.26), contabilizando um aumento no número de falências e concordatas de pequenas e médias empresas e também um número elevado de desemprego.

Simultaneamente, as empresas que sobreviveram a essas mudanças foram impelidas a baratear a produção a fim de se manterem competitivas. Para alcançar tal objetivo, foi necessário diminuir a quantidade de encargos sociais que chegam a onerar em até 25% o valor da folha de pagamento (LIMA, 1999, p.4), reduzir as margens de lucro, aumentar os investimentos em modernização, flexibilização, produtividade e competitividade. Uma das formas encontradas pelas confecções foi a terceirização das atividades produtivas, que em inglês é chamada de *outsourcing*⁸.

A terceirização é um processo de gestão pelo qual se repassam algumas atividades de apoio ou atividades não-estratégicas para terceiros, com os quais se estabelece uma relação de parceria entre empresa contratante e terceirizadora (BERNSTORFF E CUNHA, 1999 p.1).

Dadas as circunstâncias do período, o desemprego na indústria nacional continuou aumentando enquanto eclodia uma grande quantidade de empresas terceirizadoras, favorecendo a estabilização da produção e o crescimento do emprego no setor de serviços graças a realocação da mão-de-obra. Todo esse processo, ao qual chamar-se-á de desverticalização, resultou no desmembramento da cadeia têxtil e de vestuário (idem).

A importância da desvinculação das empresas em relação às atividades de apoio se dá devido ao fato de serem poucas as empresas que dispõem dos recursos e capacidades requeridos para alcançar uma superioridade competitiva em todas as atividades primárias de apoio (HITT et al 2005, p. 128).

O setor de vestuário é caracterizado por poucas barreiras tecnológicas, pela necessidade de baixo investimento para a montagem de uma oficina de pequeno porte, pela grande necessidade de mão-de-obra intensiva e pelo *know-how* acessível. Esse delineamento, aliado ao caos financeiro instaurado nas empresas no período que vigorou o plano Collor, desencadeou o surgimento de muitas terceirizadoras. No entanto, três hipóteses demonstram como, possivelmente, os fatos sucederam:

- ◆ A primeira hipótese se baseia no fato de as empresas que se mantiveram ativas mesmo com o cenário econômico da época, muitas não dispunham de capital para cumprir os compromissos trabalhistas, então, utilizaram o próprio maquinário para pagar alguns funcionários demitidos. Esses funcionários, por sua vez, passaram a utilizar o maquinário adquirido prestando serviços para os próprios confeccionistas que o demitiram.
- ◆ A segunda hipótese supõe que as empresas que encerraram as atividades, no período anteriormente citado, venderam os equipamentos existentes em suas instalações ou também os utilizaram [os equipamentos] para pagar os funcionários que, posteriormente, passaram a fornecer serviços de mão-de-obra a outros confeccionistas.
- ◆ Por último, a terceira hipótese denota a possibilidade de as empresas que substituíram seus maquinários, terem vendido ou negociado seus equipamentos

⁸ *Outsourcing*: Traduzido para o português como fornecimento externo

antigos aos novos fornecedores de mão-de-obra, inclusive, aumentando sua capacidade produtiva sem aumentar o quadro de funcionários diretos.

À medida que as terceirizadoras adquiriam *know-how*, as empresas contratantes passaram a delegar-lhes partes mais complexas da produção, ao mesmo tempo em que passam a se concentrar mais na identificação das *core competences* da organização, direcionando seus esforços para a realização apenas das tarefas essencialmente ligadas ao negócio em que atuam (GIOSA, 1997, p.14).

Adicionalmente, o reconhecimento das competências essenciais das empresas propiciou a racionalização das linhas de produtos, a desburocratização da administração, a redução da estrutura operacional, a diminuição dos custos, a economia de recursos e as mudanças das políticas de suprimentos, que passam a primar pela descontinuidade da produção interna de componentes e insumos (FLEURY, 1997, p.7).

Ao longo dos últimos anos, o setor vem apresentando cada vez mais a necessidade da flexibilização da produção, o que tem exigido que as empresas se desvinculem do processo produtivo, buscando concentrar-se cada vez mais na gestão da marca, logística ou relacionamento com o cliente final via franquias ou lojas próprias” (GORINI, 2000, p. 31 e 32).

Vale destacar que, diante da crise econômica causada pela abertura do mercado aos produtos importados, o objetivo primeiro das empresas de vestuário da década de noventa era a redução de custos. Esse fator colaborou com o estabelecimento das cooperativas e das unidades de trabalho domiciliar informais como prestadoras de serviços, fazendo com que os custos de produção se tornem ainda mais baixos, pois, de fato, gastos com encargos trabalhistas ou impostos (FERREIRA, s/d, p.182). Neste caso é possível, até mesmo, agilizar a produção graças a existência de pouca ou nenhuma burocracia na negociação.

Porém, os resultados que a adoção dessas medidas podem proporcionar são ambíguos, haja visto que podem conduzir também à precariedade das relações de produção das empresas entre si e entre estas e seus trabalhadores (BASTOS, 1993), especialmente devido a intensificação da carga de trabalho, à redução de salários e à perda da proteção da legislação trabalhista (WAJNMAN *et al*, 1998, p.4).

Muitos trabalhadores recorrem à informalidade, sobretudo ao trabalho domiciliar, como alternativa e garantia de renda, pois se encontra “excluído” do mercado formal. Um dos principais motivos que levam o trabalhador à exclusão é a falta de qualificação profissional (PEREIRA, 2008, p.2). Entretanto, devido ao predomínio da mão-de-obra feminina no setor de confecções, um dos argumentos que tem sido usado para a contratação de mulheres em regime parcial e salário reduzido é o fato de ainda serem responsáveis pelos afazeres domésticos (NEVES e PEDROSA, 2008, p.3).

Já no caso das cooperativas, a lei trabalhista brasileira não reconhece vínculo empregatício entre a esta e o associado e nem entre essa e os contratadores de serviços, conforme pode ser visto desde o ano de 1988 no artigo 442, parágrafo único, prescrito na CLT⁹. Todavia, Lima (2008, p.4) entende que da forma como se estabelece a relação empresas-cooperativas é possível considerá-las como um setor das empresas, embora mantenham formalmente contratos apenas de prestação de serviços.

⁹ CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

De todo modo, independentemente da maneira como se estabelece a subcontratação, as empresas continuam procurando maneiras de se beneficiar, escolhendo fornecedores que atendam algumas variáveis, como: localização onde haja abundância de mão-de-obra de baixo custo [na maioria das vezes, não qualificada], baixa interferência dos sindicatos, incentivos fiscais, facilidades de crédito ou de infra-estrutura e investimentos governamentais pautados na necessidade de se desenvolver determinadas regiões geográficas sem tradição industrial (CRUZ-MOREIRA, 2003, p.70), podendo muitas vezes extrapolar as fronteiras do país de origem.

Essa prática de subcontratação de empresas além-fronteiras recebe o nome de *offshore*¹⁰ *outsourcing* e consiste em uma operação onde uma empresa situada em um país confia à outra situada em outro país a tarefa de executar parcialmente ou totalmente, de acordo com requisitos pré-estabelecidos, as ações de produção de bens (RAMOS, 2004, p.61).

Nos últimos anos, países como China, Índia, Singapura, Turquia e outros que passaram por um *upgrading*¹¹ industrial se estabeleceram como países exportadores graças a flexibilização das barreiras à importação impostas pelas nações desenvolvidas e pela globalização dos mercados, referida como um veículo de progresso tecnológico que estimula a competição entre as nações e a mobilidade dos recursos produtivos (FONSECA, 2004, p.3).

Na América Latina, países como México, Peru e Paraguai tem se destacado como produtores industriais de Vestuário.

Por apresentar custos baixos de produção, empresas desses países passaram a acolher a produção externa que busca a obtenção de vantagem competitiva, especialmente no tocante ao preço. Justificam-se os custos reduzidos de produção pelos grandes investimentos em maquinário de alta tecnologia e pela contratação de mão-de-obra disponível e barata, cujo vínculo é estabelecido por meio de contrato.

Para as empresas brasileiras do setor de vestuário, as vantagens que essa prática pode oferecer, podem ser percebidas ao se comparar o perfil das terceirizadoras instaladas no país que, em geral, estão voltadas ao atendimento da demanda por produção flexível, com isso, focam-se na oferta de artigos diversificados (LUPATINI, 2004, p.28). Já as terceirizadoras *offshore*, devido às suas características de trabalho especializado, oferecem produtos *commodities*¹² por preços competitivos no mercado global.

Ressalta-se que a estratégia de diversificação é erroneamente diagnosticada como ineficiente, segundo pesquisas do Instituto Euvaldo Lodi (IEL *et al*, 2000, p.128) não é correto prosseguir com essa afirmação, pois, por ser uma atividade que agrega maior valor aos produtos, gera mais lucro com o design, marketing e vendas, permanecendo sob a responsabilidade de empresas nacionais.

Todas essas mudanças têm resultado em uma nova divisão do trabalho, ditada por vantagens competitivas dinâmicas e que originam a abordagem de cadeias globais de valor. Logo, pode-se dizer que em termos de organização da produção, a cadeia de vestuário vem apresentando, ao longo dos últimos anos, uma tendência à formação de

¹⁰ *Offshore*: O significado de *off*: é fora e de *shore* é matriz, ou seja, “fora da matriz”.

¹¹ *Upgrading*: atualização ou melhoramento da capacidade produtiva e fortalecimento gerencial.

¹² *Commodities*: produtos primários, produzidos em grandes quantidades.

redes globais com deslocamento das atividades produtivas mais intensivas em trabalho para os países de menor custo relativo de mão-de-obra, enquanto as atividades que agregam maior valor permanecem no país.

Cadeia Global de Valor

Tendo como pano de fundo o novo contexto da indústria têxtil e do vestuário mundial que foi alterado devido a desverticalização e reorganização produtiva, as tendências apontam a formação de um verdadeiro encadeamento global estratégico que tem a vantagem de chamar a atenção para onde e por quem o valor é agregado ao produto a medida que este percorre os elos da cadeia (BREITBACH *et al*, 2007, p.11).

Ao analisar de maneira concisa o assunto, baseando-se na literatura de autores como Gereffi (1997), Lupatini (2004, p.21), Prochnik (2002, P.70) e Breitbach *et al* (2007, p.11), percebeu-se que estes elos se multiplicaram e se diversificaram originando novas atividades que viabilizam um produto desde sua concepção até a distribuição para o consumidor final. Já as etapas de produção são distribuídas em diversas regiões ou países, reforçando a idéia de cadeia global de valor (*Global Value Chain*).

Todas essas mudanças provocaram uma nítida separação das etapas do processo produtivo, que passou a ser configurado da seguinte maneira:

- ◆ Responsabilidades das empresas contratantes: criação do produto, marketing, distribuição e outras atribuições estratégicas;
- ◆ Responsabilidades das terceirizadoras: fabricação dos produtos.

Com essa divisão, percebe-se que são as empresas contratantes que dirigem os rumos desta cadeia de valor que passa a ser chamada de cadeia dirigida pelo comprador (*Buyer-Driven Chain*). Desse modo, entende-se que o desenvolvimento das *core competences* que passou a ser valorizado no período de reestruturação do setor, atualmente está introjetado nas empresas modernas.

Sendo assim, a concepção de um produto de *design* considera aspectos como funcionalidade e forma física, agregando qualidades estéticas sem minimizar suas funções utilitárias, neste sentido, a satisfação do cliente quanto as suas exigências (o que é e o que faz) e quanto aos seus desejos (o que o diferencia dos outros existentes no mercado), concatenando-se ao conceito de valor agregado tão importante na cadeia global de valor (RECH, 2001, p.23).

Novos Rumos da Indústria do Vestuário

As mudanças na descentralização produtiva de artigos de vestuário beneficia o rápido desenvolvimento de produtos e aumentam a competitividade no que se relaciona ao preço do produto acabado, no entanto, tal descentralização tem acarretado ônus à industrial nacional brasileira.

Para Boriello e Martorelli (2012, p.22), entre os anos de 2003 e 2010, o setor de vestuário brasileiro deu uma guinada no que concerne a produção. No entanto, a partir de 2011, a produção industrial foi reduzida paulatinamente, a medida que, neste período, o produto importado sofreu um barateamento considerável devido a crise mundial desencadeada em 2008 pela quebra de bancos¹³ nos Estados Unidos da América.

¹³ Quebra dos Bancos americanos: Iniciada pelo banco Lehman Brothers que abriu falência após ter investido no crescimento imobiliário americano, entre outros investimentos de alto risco.

Esse barateamento se deve ao fato dos grandes mercados consumidores dos produtos fabricados nos países asiáticos (E.U.A e Zona do Euro) terem sofrido considerável redução do consumo, ocasionada por crises financeiras internas. No entanto, o consumo no Brasil tem sido potencializado haja vista que a obtenção de crédito ao consumidor foi facilitada por medidas governamentais.

Entretanto, a indústria nacional tem sofrido com as já referidas cargas tributárias exacerbadas e com a falta de medidas que permitiriam o crescimento industrial como um todo, ou seja, beneficiando todos os setores industriais e não só o vestuário. Entre as medidas necessárias, elencam-se melhorias que beneficiem uma logística mais eficiente, fiscalização atuante, educação, infraestrutura e, naturalmente, a redução das cargas tributárias exacerbadas.

Fato é que, esse aumento na possibilidade de consumo e a vontade de consumir beneficiam o produto importado, mas prejudicam a indústria nacional, uma vez que o produto brasileiro não tem se mantido competitivo frente ao produto importado devido aos 40,17% de impostos que incidem sobre o produto *Made In Brazil* (ABRAVEST, 2012).

Recentemente, associações como ABIT, Sinditêxtil-SP e Fiesp, entre outras, apoiaram o “manifesto contra a Desindustrialização”. Que já contabiliza a baixa de vinte mil empregos neste último ano (BORIELLO e MARTORELLI, 2012, p.29). Todas estas baixas acarretam em um grave impacto social e o efetivo retrocesso no desenvolvimento econômico do país.

Por fim, apesar de todos estes problemas, cabe ao empresariado nacional serem mais proativos e mais organizados a fim de conseguirem mais apoio governamental para a batalha contra os preços mais altos, bem como conseguirem recursos para investir em melhorias no parque fabril, em educação e em criação de produtos que façam frente ao produto importado.

No tocante a criação de produtos, entende-se que agregar *design* impregnado com valores culturais regionais pode ser capaz de gerar competitividade às empresas que se utilizam dele, mesmo quando as condições setoriais são adversas.

Referencias Bibliográficas

- ABRAVEST, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VESTUÁRIO. Disponível em <<http://www.abraviest.org.br>> Acesso em 25 mar. 2012
- ASSIS, Marisa de. *O mundo do trabalho*. Rio de Janeiro: SENAI/DN, 1998.
- BASTOS, Carlos P. Monteiro. *Competitividade da Indústria do Vestuário* – Nota técnica setorial do complexo têxtil. (Coord.) In: COUTINHO, L.G. et al. *Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- BATEMAN, Thomas S., SNELL, Scott, A. *Administração: Construindo vantagem competitiva*. São Paulo: Atlas, 1998.
- BAUDOT, François. *A Moda do Século*. São Paulo, Cosac & Naify: 2000
- BERNSTORFF, Vitor Hugo; CUNHA, João Carlos da. *O que as organizações buscam e alcançam com a terceirização em tecnologia da informação (ti)*. (artigo) ENANPAD. 1999
- BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda; CASTILHOS, Clarisse Chiappini; JORNADA, Maria Isabel Herz da. *Para uma abordagem multidisciplinar no estudo de cadeias produtivas*. In: *Ensaio FEE*, v. 28, n. 1. Porto Alegre: 2007

- BORIELLO, Sílvia; MARTORELLI, Renata. *Hora de Reagir*, in: Costura Perfeita, 67, Revista, Maio / Junho. São Paulo, Prol: 2012
- CARVALHO, Helder. História da costura. Universidade do Minho- Dep. Eng.Têxtil. 1999. Disponível em: <<http://www.uminho.pt>>. Acesso em 10 mar.2007.
- CHATAIGNIER, Gilda. *Fio a Fio*: Tecidos, Moda e Linguagem. São Paulo, Estação das Letras: 2006
- COSTA, Dhora. *Gestão estratégica do produto*: como cuidar desse assunto? Disponível em: http://www2.uol.com.br/modabrasil/desenvolvimento_produto/design_gestao/index.htm. Acesso em: 2 de janeiro de 2007
- CRUZ-MOREIRA, Juan R. *Industrial Upgrading nas cadeias produtivas globais*: reflexões a partir das indústrias têxtil e do vestuário de Honduras e do Brasil. (Tese de Doutorado). Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP: USP, 2003.
- EMBACHER, Airton. *Moda e identidade*: a construção de um estilo próprio. São Paulo, Anhembi Morumbi: 1999.
- FERREIRA, Francisco de Paula. *Vestuário*: Histórias, Reflexões e Projeções. São Paulo, Brasil Têxtil: s/d
- FLEURY, Afonso. *Estratégias, organização e gestão de empresas em mercados globalizados*: a experiência recente do Brasil. In: Enegep – Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Gramado: 1997
- FONSECA, Maria Manuel Serrano da. *A deslocalização como estratégia empresarial*: Riscos e oportunidades. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: 2004
- FONTES, Carlos. *Profissões Históricas*: Alfaiataria em Portugal. Disponível em: <http://formar.do.sapo.pt/page8.html>. Acesso em: 18/03/2007
- FREITAS, Maria Vitorina de. *Tecnologia*. São Paulo, Artes e Ofícios Femininos: 1948
- GEREFFI, Gary. *Competitividade e redes na cadeia produtiva do vestuário na América do Norte*. Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho. v. 3, n. 6, 1997.
- GIOSA, Lívio Antonio. *Terceirização*: uma abordagem estratégica. São Paulo, Thomson Learning: 1997
- GORINI, Ana Paula Fontenelle, MARTINS, Renato Francisco. *Novas Tecnologias e Organização do Trabalho no Setor Têxtil: Uma Avaliação do Programa de Financiamentos do BNDES*. Disponível em: www.bndes.gov.br/conhecimento/revista/rev1011.pdf . Acesso em: 6 de maio de 2007.
- GORINI, Ana Paula Fontenelle. *Panorama do Setor Têxtil no Brasil e no Mundo*: reestruturação e perspectivas. BNDES Setorial nº 12, Setembro. Rio de Janeiro: 2000
- HITT, Michael A.; IRELAND, R. Duane; HOSKISSON, Robert E.. *Administração estratégica*. São Paulo, Pioneira Thompson Learning: 2005.
- JONES, Sue Jenkyn. *Fashion design*: manual do estilista. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- LIMA, Jacob Carlos. *Desconcentração industrial e precarização do trabalho*: cooperativas de produção do vestuário no Brasil. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/lasa98/Lima.pdf> Acesso em:17/01/ 2008
- LIMA, Jacob Carlos. *Novas formas, velhos conteúdos*: diversidade produtiva e emprego precário na indústria do vestuário. In: Política e Trabalho (Revista). nº 15, setembro. João Pessoa: 1999
- LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero*: A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo, Companhia das Letras: 1989

- LUPATINI, Márcio Paschoino. As transformações Produtivas na Indústria têxtil-Vestuário e Seus Impactos sobre a distribuição territorial da produção e a divisão do trabalho industrial. (Dissertação) Programa de Pós Graduação em Política Científica e Tecnologia. Unicamp. Campinas: 2004.
- MENDES, F.D., SACOMANO, J.B, FUSCO, J.P.A. *Planejamento e Controle da Produtividade na Manufatura do Vestuário de Moda*, In: SIMPOI, 9, 2006, São Paulo. GV Simpósio Anais, São Paulo:FGV, 2006
- NEVES, Magda de Almeida; PEDROSA, Célia Maria. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922007000100002&script=sci_arttext&lng=pt Acesso em: 15 de janeiro de 2008
- PALOMINO, Erika. *A Moda*. São Paulo, Publifolha: 2002
- PEREIRA, Cibélia Aparecida. O Trabalho domiciliar e sua importância no circuito de valorização do capital no setor de confecções. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?q=%22domiciliar+e+sua+import%C3%A2ncia+no+circuito+de+valoriza%C3%A7%C3%A3o%22&hl=pt-BR&lr=&btnG=Pesquisar&lr=> Acesso em: 13 de janeiro de 2008
- PROCHNIK, Victor. *Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio*. 2002. Disponível em: http://www.eco.unicamp.br/Neit/cadeias_integradas/NT_FINAL_Textil.pdf. Acesso em: dez /2006
- RAMOS, Ana Filipa. O MOVIMENTO DE INTERNACIONALIZAÇÃO EMPRESARIAL NA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO: O CASO PORTUGUÊS. In: *Gestão e Desenvolvimento* (revista), nº 12. Universidade Católica Portuguesa. Viseu: 2004
- RECH, Sandra Regina. *Cadeia produtiva da moda: Um modelo conceitual de análise da competitividade no elo confecção*. (Tese) Programa de Doutorado em Engenharia de Produção, Florianópolis, UFSC: 2006
- RECH, Sandra Regina. *Qualidade na criação e desenvolvimento do produto de moda nas malharias retilíneas*. (Dissertação) Programa de Mestrado em Engenharia de Produção, Florianópolis, UFSC: 2001
- SABINO, Marco. *Dicionário da Moda*. Rio de Janeiro, Elsevier: 2007
- SILVA, Maria Izabel da, Bernardete Wrublevski. *Alfaiates Imprescindíveis*. Extensio - Revista Eletrônica de Extensão. Nº 3, Florianópolis, UFSC: 2005
- WAJNMAN, Simone; QUEIROZ, Bernardo Lanza; LIBERATO, Vânia Cristina. *O crescimento da atividade feminina nos anos noventa no Brasil*. XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. Caxambu: 1998